

Médicos responsabilizam ensino por caos na saúde

ESTADO DE SÃO PAULO

Conselho Regional de Medicina submeterá os formandos a exame de qualificação

LEONARDO TREVISAN

A opinião é unânime entre os médicos: o ensino de Medicina tem uma parcela de culpa pela situação precária da saúde do brasileiro. A multiplicação indiscriminada das faculdades de Medicina e o despreparo de seus formandos são citados como "vilões" desta crise. O ex-presidente do Conselho Regional de Medicina de São Paulo, Heitor Buzzoni, advoga que o CRM é a entidade responsável pela fiscalização do trabalho médico, mas admite que hoje a instituição tornou-se um mero "cartório de registro". O cardiologista Adib Jatene, diretor do Incor e professor titular da Faculdade de Medicina da USP, acredita que o ensino médico carece de eficiência tecnológica. Jatene defende um exame de qualificação para o exercício da profissão.

A professora Ana Fernandes Pitta, do departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP, afirma que o aluno não conhece a realidade em que vai trabalhar — e a escola médica, segundo ela, não se preocupa em fazer essa "apresentação". Para Ana Pitta, quando chega a hora de se iniciar na profissão, o choque é "traumático", o que talvez explique o alto índice de suicídio entre os médicos, quatro vezes maior do que a média da população. A professora Ana também culpa as escolas por essa situação.

O Conselho Regional de Medicina pretende realizar no final deste ano o "exame de Estado", um teste de qualificação que autoriza o médico diplomado a exercer a profissão. Buzzoni argumenta que o exame é o único mecanismo capaz de tornar o CRM algo mais que o cartório de um en-

sino deficiente em termos técnicos, éticos e teóricos.

O ministro da Saúde, Alcení Guerra, qualificou como "fantástica" a intenção do CRM paulista de aplicar exames nos médicos formados. O presidente do Conselho Federal de Medicina, Ivan de Araújo Ferro, discorda do ministro. De acordo com ele, a Lei nº 3.268/57, que dispõe sobre os mecanismos de inscrição nos CRM, não prevê a realização de provas para a obtenção do registro. Quem não passar nos testes, portanto, pode recorrer para praticar, normalmente, a profissão.

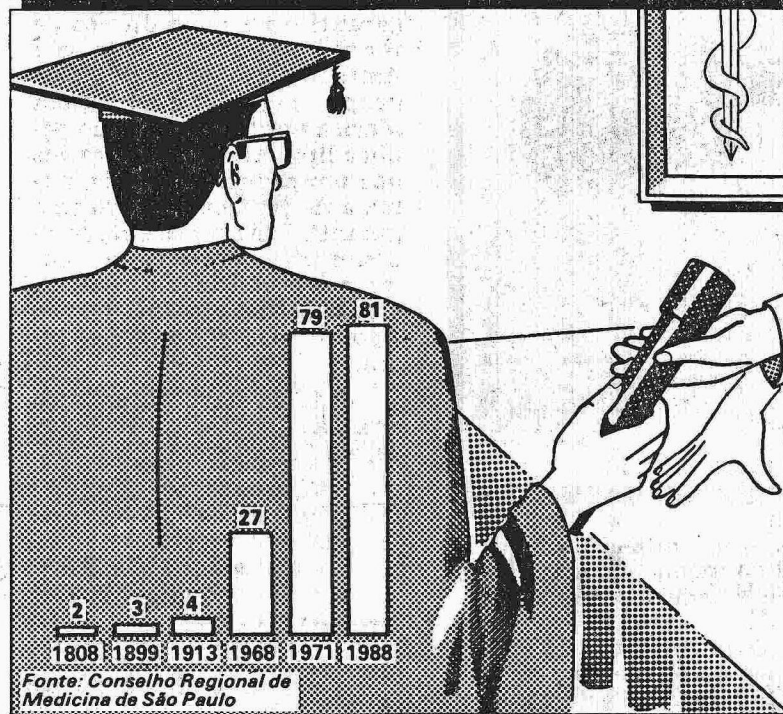
"Antes se estudava para passar, mas com o exame se deverá estudar para aprender", diz Buzzoni. Ele acredita que desta forma será possível avaliar as próprias escolas e corrigir deficiências. Para Buzzoni, o responsável pela crise do ensino médico foi a multiplicação de escolas durante a década de 70. "Cada pedido de amigo do ministro significava uma nova faculdade de Medicina", lamenta Buzzoni. "Elas foram abertas e nunca mais foram vigiadas."

Segundo o ex-presidente do CRM de SP, a impossibilidade de se formar docentes capacitados para atender o crescimento da oferta de cursos criou a figura do professor visitante, sem vínculo com a instituição de ensino. "Hoje se formam oito mil médicos por ano e só existem 1.800 vagas nos cursos credenciados de residência médica", diz Buzzoni. "Apenas 21% dos formados complementam o ensino, o restante cai no mercado."

De acordo com Buzzoni, o número de médicos no Brasil, avaliado em 210 mil profissionais, supera os índices da Organização Mundial de Saúde, mas a população médica concentra-se na região Sudeste. "São Paulo forma 1.800 médicos por ano, mas no CRM se inscrevem 3.500 formandos."

Multiplicação das escolas

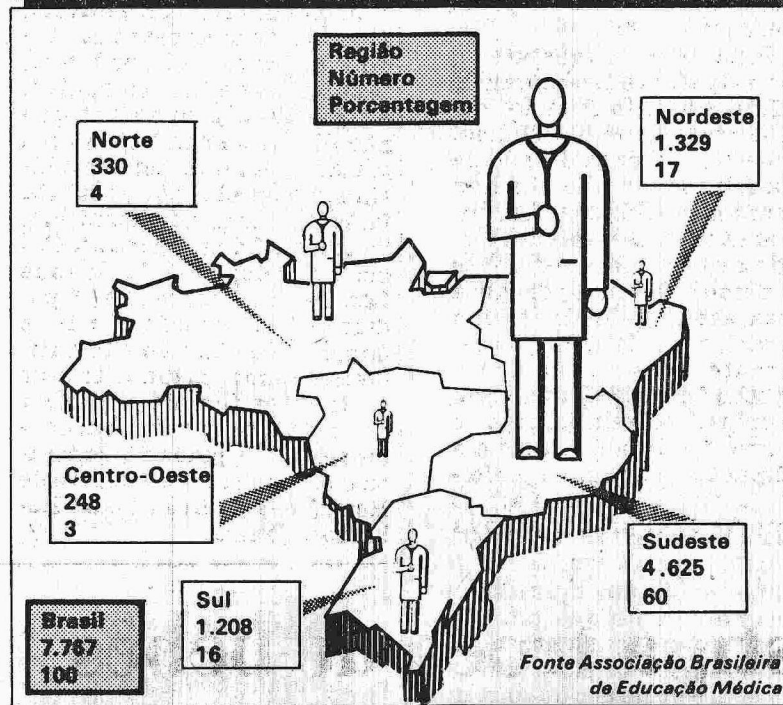
As faculdades de Medicina do País desde 1808



ASSUMPCÃO/Arte Estado

Oferta é maior no Sudeste

Vagas oferecidas pelos cursos de Medicina no País em 1986



ASSUMPCÃO/Arte Estado